

TRAMA POLÍTICA LOCAL E OS RESULTADOS ELEITORAIS (As eleições de 1976)

Dinael Marin *

PERSPECTIVAS/21

MARIN, Dinael. Trama política local e os resultados eleitorais: as eleições de 1976. *Perspectivas*, São Paulo, 3: 87-119, 1980

RESUMO: O autor apresenta o relato de um estudo sobre a trama política na época do processo eleitoral em Rio Claro, Estado de São Paulo. O estudo se iniciou em 1976, estando ainda em andamento. São relatados aqui os dados referentes às etapas que vão desde a época que antecede as convenções até os resultados finais das eleições.

UNITERMOS: Processo eleitoral municipal; etapas desde as convenções até os resultados das eleições.

1. INTRODUÇÃO

O sistema bipartidário no Brasil, inaugurado em 1965, ao deixar de ser transitório, passou a representar o "status quo". De um lado a representação e sustentação do poder executivo a nível legislativo, — se bem que esse papel, ainda que bem representado, carecia de poder para discutir e deliberar sobre as grandes questões, pois dependendo do grau de importância, a decisão deveria antes de tudo ter o "sinal verde" do executivo. Ao M.D.B. restava a aglutinação daqueles que na sua maioria se viram relegados à categoria de participantes da oposição; ao mesmo tempo o seu papel se tornava importante para o

sistema, na medida em que sua existência impedia a visualização do partido único.

Assim a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro (M.D.B.), principiaram a trajetória que os lançariam na década de 1970, com os reveses de 1968, e com a experiência do que lhes seria permitido fazer ou não fazer, auto-policados e auto-censurados pelas experiências vividas. De qualquer maneira os anos setenta vão receber uma ARENA ávida da justificação do sistema e um MDB já amadurecido pelos percalços, derrotas e perseguições. Neste quadro, entra o MDB caracterizado da seguinte forma: uma parcela disposta a ajudar a "justificar o sistema"; uma ala dos "le-

* Professor Assistente Doutor do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — Campus de Araraquara, UNESP.

galistas” e uma terceira dos chamados “autênticos”, com expectativas de redefinições da política nacional, clamando pela mais ampla participação popular nos destinos do país.

É dentro desse universo que se redefina a legislação eleitoral para impedir que a sustentação política de “aparência democrática” não se encorajasse a tomar uma atitude frontal com relação ao Executivo e que viesse a caracterizar uma linha de independência. Todo um aparato de normas é desenvolvido para se evitar a perda da maioria no legislativo, evitando-se a possibilidade de surgimento de novos partidos, ou de possíveis dissidências.

De qualquer maneira, para a ARENA e para o M.D.B., além da sustentação política do sistema, restariam duas alternativas; para o primeiro a de ser portavoz e aparente sustentador do executivo a nível legislativo e ao MDB a alternativa de ser o lugar para onde canalizariam as oposições dos mais diversos matizes.

Nas eleições legislativas de 1974, a ARENA, que durante longos anos, desde sua criação, identificou-se com o governo, sofre a mais terrível derrota nas urnas, e segundo Martins:

“Não se pode afirmar que esse movimento com características de desabafo represente um fortalecimento do M.D.B. Sem dúvida, é esse o partido que tirará proveito momentâneo da situação. Mas o movimento de protesto, por sua própria natureza, está perfeitamente associado do partido da oposição, embora caminhe na mesma direção.” (5:116/117)

Cristalizou-se a idéia de que votar na ARENA era votar no governo e votar no M.D.B. era o único canal viável para as oposições mostrarem seu descontentamento para com o “status quo”, fosse essa oposição operária, estudantil ou de classe média.

Por outro lado o próprio governo procurou ampliar o compromisso de que votar na ARENA era votar no governo. Por isso, os resultados das eleições de 1974, vão exigir todo um repensar da estratégia do sistema, redefinindo inclusive a legislação eleitoral, com o advento da “famosa Lei Falcão” que tolhe a manifestação dos candidatos pelos canais de comunicação, além de outras manifestações. O ano de 1974 significou o ocaso do “milagre” ufanamente mostrado pelo governo a nível interno ou externo.

Em 1975 inaugura-se o período Geisel, assentado sobre uma dívida externa e interna que aumenta no dia a dia, crise de energia, somada a crescentes reivindicações por “melhores salários” e “liberdades democráticas”.

Foi neste panorama nacional que surgiu o interesse de se saber como se processa uma eleição para o Executivo a nível local: como se manifestam os convencionais; como os futuros candidatos são escolhidos; quais os requisitos e que trama ou tramas políticas envolvem uma eleição municipal para que a vitória nas urnas seja obtida, assim como o desenrolar do mandato. (*)

Na tentativa de obter essas respostas, procurou-se estudar a cidade de Rio Claro (SP), localizada a 176 kms. de São Paulo por rodovia e também servida por ferrovia, possuindo um colégio eleitoral da ordem de 45.914 eleitores

(*) São relatados os dados obtidos até a proclamação dos resultados.

em 1976, o que lhe garantia uma posição de destaque no Estado de São Paulo.

Rio Claro possui claramente os resquícios de uma sociedade tradicional, uma vez que a industrialização aumentou de intensidade a partir do final da década de 1960. (*) Assim, em razão da permanência de traços tradicionais e embora ocorram modificações de ordem urbano-industrial, existe uma participação política ainda baseado no passado, isto é, o candidato visto como “amigo, caridoso, honesto, etc.”.

O comportamento eleitoral de Rio Claro é reforçado para ser mantido no esquema tradicional, ainda mais se se analisar que diante dos dois partidos existentes, a opção e adesão de quase todos os conhecidos políticos e líderes locais foram feitas para a ARENA, fato este que coincide com o que diz Motta ao analisar o bipartidarismo no Brasil:

“No que diz respeito à oposição, a primeira tentativa no sentido de agregar interesses locais, numa política comum, foi o lançamento de manifesto em favor do sufrágio universal, do sistema multipartidário e da autonomia dos Estados. A plataforma do manifesto serviu para constituir a base do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), nome adotado pelo partido da oposição. Depois que o manifesto foi divulgado, a oposição teve alguns problemas no que diz respeito à consecução das assinaturas dos

vinte senadores exigidas por Lei. Esse fenômeno enfrentado pela oposição era reflexo de uma característica dos políticos brasileiros, que estão sempre prontos a aderir à facção política no poder, a fim de deter as vantagens decorrentes dessa situação...” (7:69/70).

Desde sua formação, a ARENA, dominou o cenário político local, enquanto que o MDB permaneceu incapaz de resolver os problemas internos, assim como incapaz de poder tornar-se o aglutinador de um operariado emergente — reflexo da industrialização que vem se intensificando na cidade — deixando também de ser o canal de manifestação de descontentamentos.

Os atores da cena política local são quase sempre os mesmos, os mesmos grupos, lutando sob a mesma sigla partidária, utilizando-se de sublegenda. Assim, as lutas eleitorais são mais efetivas dentro de um mesmo partido, do que de partido contra partido. Deduz-se então, que o sistema bipartidário brasileiro, é gerador de lutas renhidas entre seus filiados, e a instituição da sublegenda, em última análise, nada mais é do que uma tentativa de acomodar sob a mesma sigla, grupos rivais.

Se observarmos as sucessões políticas em Rio Claro a partir de 1964, verifica-se que o principal líder político da cidade nos últimos vinte anos foi Augusto Schmidt Filho, que voltando à Prefeitura em 1964, faz o prefeito em 1968.

(*) Até 1964 as indústrias de maior porte existentes em Rio Claro eram: Cia: Cervejaria Caracú, Indústrias Reunidas F. Matarazzo, Quimanil Industrias Químicas S/A., além da antiga Cia. Paulista de Estradas de Ferro, principal receptora de mão-de-obra. As demais indústrias citadas, absorviam pouca mão-de-obra e participar de seus quadros foi sempre a grande expectativa do trabalhador.

Foi eleito assim, Alvaro Perin, advogado da Prefeitura Municipal de Rio Claro, mas totalmente desconhecido da vida político-partidária local. Na época chegou-se a dizer que Augusto Schmidt Filho passaria por um grande teste em termos de prestígio, assim como chegou-se a dizer também que o mesmo estaria na retaguarda, governando.

Poucos meses após assumir a Prefeitura, há rompimento de relações entre Alvaro Perin e Augusto Schmidt Filho.

Para as eleições de 1972, visualizava-se a candidatura Augusto Schmidt Filho, que não foi possível, em razão do seu falecimento poucos meses antes das convenções.

Das eleições de 1972, sagrou-se vencedor Oreste Armando Giovanni, com o apóio de Alvaro Perin. Tomando posse em 1973, Oreste rompeu com aquele que lhe havia dado apóio.

Assim, dentro desse universo, se localiza ainda hoje, um grupo da ARENA no Legislativo, liderado por Waldemar Karan, que em última análise vai sendo chamado de responsável indireto pelos rompimentos dos prefeitos eleitos com seus antecessores. Desta forma, a cena política local se desenrola com os grupos arenistas, disputando o poder e a hegemonia na convenção, numa verdadeira "antropofagia política".

Por outro lado, o MDB em nenhum momento chegou a possuir expressividade político-eleitoral na cidade. Não teve nomes de expressão política a nível local e nunca foi expressão de classe e por isso mesmo suas manifestações sempre se perderam ao nível dos interesses de disputas imediatas dos grupos envolvidos.

A "ala" detentora do poder no MDB local, estava defasada em relação a linha do partido a nível nacional, não havendo identidade de propósitos. Pode-se aventar como hipótese dessa situação, a atuação do principal dirigente em Rio Claro, isto é:

- a. utilização do partido como forma de ascensão social, uma vez que a ARENA era bloqueada por outros grupos, impedindo a mobilidade;
- b. impossibilidade de expressar ou se tornar expressão de uma oposição;
- c. envolvimento em casos com a Justiça, sem ser reflexos de ações político-ideológicas.

Talvez por essas razões, o MDB tenha sido, ao longo desses anos, um partido sem muita expressão na cidade.

2. OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho foi o de realizar um estudo evolutivo do processo eleitoral na cidade de Rio Claro (SP), nas eleições diretas de 1976, para Prefeito.

Para atender esse objetivo, o estudo se desdobrou nas seguintes etapas:

- a. levantamento de dados referentes à opção dos eleitores no momento que antecede as convenções;
- b. observação e análise das convenções;
- c. observação e coleta de dados referentes à campanha;

- d. levantamento de dados referentes à opção dos eleitores no momento que antecede as eleições;
- e. entrevista com os candidatos na véspera das eleições;
- f. resultados eleitorais;

3. MÉTODO

3.1. Opção Eleitoral antes das convenções

Para atender à primeira etapa do trabalho, foi elaborada antes das convenções, uma lista contendo catorze nomes de possíveis candidatos, com a finalidade de obter a opção por parte dos eleitores. Além desses catorze nomes foi deixada opção em aberto para inclusão de outros nomes que não constassem da relação. Para a elaboração da relação foi utilizada informação de órgãos de comunicação e de entrevistas informais e observação direta da sociedade local. Como alguns dentre esses nomes já estavam sendo mencionados como prováveis candidatos com maior insistência, resolveu-se fazer uma questão diminuindo as possibilidades de opções e ao mesmo tempo verificar a consistência de ambas as opções.

De posse do mapa da cidade de Rio Claro de 1975, fornecido pela Prefeitura Municipal, traçou-se um corte diagonal de maneira que vários setores e bairros da cidade fossem representados.

A amostra pesquisada neste momento do processo foi caracterizada segundo sexo e faixa etária, totalizando 176 indivíduos.

Os dados foram coletados através de formulários.

3.2. Observação e Análise das Convenções.

Os dados referentes às Convenções foram obtidos mediante registro de observação direta da realização dessas convenções, além de entrevistas informais com os convencionais de ambos os partidos. Foram também coletadas, como material, as entrevistas dadas pelos candidatos escolhidos pelos convencionais aos órgãos de comunicação local. Ressalte-se que no dia das convenções foi obtido através da imprensa local.

3.3. Observação e Coleta de Dados Referentes à Campanha

Os dados referentes às campanhas foram obtidos mediante coleta de material impresso ou oral junto aos diretórios, órgãos de comunicação, registro de observação direta dos comícios e entrevistas informais com os candidatos e assessores.

3.4. Levantamento de Dados Referentes à Opção dos Eleitores no Momento que Antecede as Eleições.

Os dados para essa etapa foram coletados através de formulários contendo questões abertas, fechadas e mistas. O procedimento para a escolha da amostra a ser pesquisada foi o mesmo do levantamento anterior, isto é, foi traçado um corte transversal no mapa do município em sentido oposto ao do primeiro levantamento, procurando-se abranger vários bairros e setores da cidade, a fim de que os indivíduos amostrais fossem significativos.

A amostra foi caracterizada segundo o sexo, estado civil, escolaridade, ocupação e idade.

As questões procuraram abranger:

- a. levantamento de problemas vividos pelos munícipes;
- b. opções para prefeito e suas características;
- c. procedimentos do eleitor em torno das opções e quais as variáveis passíveis de interferência;
- d. opções com vinculação ao candidato ou ao partido.

3.5. Entrevistas com os Candidatos na Véspera das Eleições.

Os candidatos foram entrevistados mediante roteiro não rígido e suas entrevistas registradas através de gravação. Ressalte-se que o candidato oficial do MDB, não foi localizado na época, o que independeu de nossa vontade.

3.6. Resultados Eleitorais

Os resultados eleitorais foram obtidos no Cartório Eleitoral, sendo que o processo de apuração das eleições também foi acompanhado, o que permitiu a detecção de alguns fatos não comprovados oficialmente.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1. A Opção dos Eleitores em Momento que Antecede as Convenções.

Pela observação que vinha sendo desenvolvida com relação às mais variadas manifestações políticas, elaborou-se uma lista com 14 nomes dos prováveis futuros candidatos para o pleito de 1976

para a Prefeitura Municipal de Rio Claro.

Realizado o trabalho de campo, foram constatados os seguintes resultados para a questão: "Escolha na Relação Abaixo um Nome para Prefeito de Rio Claro".

Resultados obtidos a partir da opção dos eleitores antes das convenções.
(Relação ampla de nomes)

Marco Antônio Padula	21 votos
José Marcos Pires de Oliveira ...	6 votos
Waldemar Karan	11 votos
Rafael Durso	4 votos
Manoel José Silva	1 voto
Dermeval da Fonseca Nevoeiro Jr.	21 votos
Álvaro Perin	72 votos
Benedito José Zaine	5 votos
Rui Fina	4 votos
Célio José Escher	2 votos
Silas Bianchini	3 votos
Antonio Carlos Piccolo	3 votos
Mario Caritá	10 votos
Hugo Romeiro Saraiva	0 votos
Outro	13 votos

T o t a l 176 votos

TABELA 1

Deve-se considerar que nessa relação dos prováveis candidatos não houve nenhuma vinculação com partido político, optando o eleitor apenas por um nome.

A partir da Tabela 1 pode-se observar que os candidatos que receberam mais votos foram:

Álvaro Perin com 72 votos;
Marco Antonio Padula com 21 vo-

tos
Dermeval da Fonseca Nevoeiro Ju-

nior com 21 votos
Mario Caritá com 10 votos
Rui Fina com 4 votos
Rafael Durso com 4 votos

Os 72 votos dados a Alvaro Perin, mostram uma supremacia dele sobre o segundo colocado da ordem de 71% dos votos.

Para a questão "Se você tivesse que votar hoje para Prefeito de Rio Claro, em quem você votaria entre os nomes abaixo?", obtendo-se o seguinte resultado:

Resultados obtidos a partir da opção dos eleitores antes das convenções.
(Relação restrita de nomes)

Mario Caritá	MDB	18 votos	10,22%
Alvaro Perin	ARENA	90 votos	51,13%
Rafael Durso	MDB	11 votos	6,25%
Nevoeiro Junior	ARENA	27 votos	15,34%
Outro		30 votos	17,06%
T o t a l		176 votos	100,00%

TABELA 2

Se fossem mantidos esses indivíduos como candidatos, pode-se observar que o candidato Alvaro Perin ultrapassaria a todos os três candidatos, obtendo 51,13% dos votos, enquanto o outro candidato da ARENA Nevoeiro Junior obteve 15,34% dos votos, contra um MDB que somados os dois candidatos obteve 16,47% dos

votos.

Com relação ao quinto ítem, pode-se observar que o "outro" obteve 17,16% da votação, o que significou quantia superior ao total obtido pela soma dos dois candidatos do MDB, assim como a do candidato Nevoeiro Junior pela ARENA.

Opção em função do sexo dos eleitores, antes das convenções

Candidato vinculado ao partido. Sexo	Caritá (MDB)	Perin (ARENA)	Durso (MDB)	Nevoeiro (ARENA)	Outro
Masculino	4	35	3	9	13
Feminino	14	55	8	18	17
Totais	18	90	11	27	30

TABELA 3

N = 176

Deve ser esclarecido que a relação de quatro nomes utilizados como possíveis candidatos, ocorreu em razão de serem esses os nomes mais comentados nos bastidores da política local. Note-se também que já nesta questão o candidato está vinculado ao partido.

Com relação ao sexo dos indivíduos amostrais e sua opção pelo candidato, obteve-se os resultados constantes da Tabela 3.

Pela Tabela 3 pode-se observar que o candidato Perin ganhou a preferência

dos eleitores de ambos os sexos, ficando em segundo lugar a coluna "outro candidato" superando a todos os demais candidatos.

Outro aspecto relevante é o fato de que os indivíduos do sexo feminino são em número mais elevado, e isto se explica porque a preocupação foi a de levantar dados referentes aos eleitores sem se importar com o sexo como elemento de estratificação amostral.

Com relação às faixas etárias, foram cruzadas as questões "idade" com "candidatos vinculados ao partido".

Opção em função da idade dos eleitores, antes das convenções.

Candidato vinculado ao partido. Idade	Caritá (MDB)	Perin (ARENA)	Durso (MDB)	Nevoeiro (ARENA)	Outro
18 a 28	5	23	3	5	6
29 a 38	6	24	4	9	7
39 a 48	2	17	2	8	10
49 a 58	3	15	1	4	5
59 a 68	2	11	1	1	2
Totais	18	90	11	27	30

TABELA 4

N = 176

Analisando-se a Tabela 4, mais uma vez se observa a nítida supremacia do candidato Alvaro Perin em todas as faixas etárias.

Desta forma está fora de dúvida que o candidato Alvaro Perin foi o mais votado em todas as faixas, detendo a preferência do eleitorado rio-clarense nos

dias que antecederam as convenções para a escolha dos candidatos a prefeito, vice e vereadores.

Dentro da ARENA era voz corrente que qualquer indivíduo que se candidatasse por uma sublegenda, estaria com uma visão distorcida da realidade ou seria o "candidato do sacrifício".

Este era o quadro que se apresentava em Rio Claro para as eleições municipais de 1976. A serem considerados os resultados obtidos à vespera das convenções, o futuro prefeito de Rio Claro, seria indiscutivelmente Alvaro Perin.

4.2. Os Convencionais e suas Atitudes Políticas

ARENA

Dentro do universo político de Rio Claro já era comentada a posse do futuro prefeito. Já não se duvidava nem na imprensa falada e escrita, e nem nos bastidores da política local, que o prefeito eleito seria Alvaro Perin, fato admitido a contragosto por alguns opositores da própria ARENA.

Em razão de Alvaro Perin ser o Presidente do partido a nível local e possuir a grande maioria dos votos dos convencionais, a outra ala, liderada pelo vereador Waldemar Karan, em minoria na convenção, procurou buscar uma solução alternativa para sua candidatura e de alguns vereadores à reeleição, não identificados com Alvaro Perin.

A Legislação Eleitoral recompensa aquele que consegue manipular o maior número de convencionais. (1) Assim, um grupo minoritário está impossibilitado de se candidatar à vereança se não conseguir lançar uma sublegenda para Prefeito e Vice.

Diante dessas exigências legais, a única possibilidade para o grupo minoritário, interessado na vereança, seria lançar um candidato a Prefeito e Vice, mesmo que estes não tivessem possibilidade de se eleger. O importante era conseguir a oportunidade para existência de uma sublegenda para a "ala Karan", única forma viável para continuar no Legislativo.

Dermeval da Fonseca Nevoeiro Junior foi convidado a ser o candidato dessa ala, e sua aceitação ocorreu horas antes da convenção, mesmo assim com o apoio integral do prefeito em exercício, Oreste Armando Giovanni, rompido que estava com Alvaro Perin.

Para se ter uma idéia da dúvida existente na política local, é interessante transcrever a manchete do jornal "Diário do Rio Claro" do dia 21-8-76, dia que se realizaria a convenção arenista:

"CONVENÇÃO DA ARENA APONTARÁ PERIN COMO CANDIDATO A PREFEITO MUNICIPAL"

As atenções do mundo político rioclarense estão hoje voltadas para a Convenção da Arena, marcada para às 20 horas, no auditório da Câmara Municipal. **PERIN e CAMPEÃO JÁ CANDIDATOS.** Conforme apurou nossa reportagem, a única dobradinha já concreta para disputar

(1) A propósito, ler "O Manual das Eleições Municipais de 15 de Novembro de 1976" — Orientação aos Diretórios Municipais: Da escolha e registro dos candidatos — Brasília 1976 — Editado pela Aliança Renovadora Nacional — Diretório Nacional" p. 10-18, que trata especificamente:

— "Da Escolha dos Candidatos a Prefeito e Vice-Prefeito" p. 10-13.

— "Da Escolha de Candidatos a Vereadores se houver sublegendas para Prefeito" p. 13-14.

— "Da Escolha de Candidatos a Vereadores se não houver sublegenda para Prefeito." p. 15-80.

as eleições do Executivo é formada pelo Dr. Alvaro Perin, ex-prefeito municipal e presidente do Diretório, e Hygino Campeão, na vice.

MOVIMENTAÇÃO EM TORNO DE POSSÍVEIS CANDIDATOS

Durante todos os dias da semana e ainda hoje, as diversas alas arenistas procuram fixar suas posições. Pelo apanhado feito através de nossa reportagem, podemos confirmar que trabalhos estão sendo feitos no sentido de que o empresário DERMEVAL DA FONSECA NEVOEIRO JUNIOR, também vereador, aceite disputar a Prefeitura Municipal. Dr. Manoel José Silva com seu "staff", ainda hoje poderá atingir seu objetivo, ou seja conquistar uma legenda para sua candidatura. Contudo tudo nos faz crer que, dificilmente, o Dr. Manoel José Silva consiga a legenda, já que conta somente com alguns votos da *ala Karan* (grifo do autor). Na tarde de ontem, comentava-se que o Dr. José Marcos Pires de Oliveira, que liderou uma chapa na disputa do diretório, estava sendo procurado para aceitar sua candidatura a Prefeito Municipal por membros de uma ala arenista. Aí estão alguns detalhes de intensa atividade das alas arenistas de nossa cidade."

Como foi visto, no dia da convenção, só um nome era certo que disputaria pela ARENA.

Iniciada a Convenção a "ala Perin" lançou dois candidatos:

Alvaro Perin para Prefeito
Hygino Campeão para Vice-Prefeito
Vanildo José Gandolfo para Prefeito
Valdomiro Bonilha para Vice-Prefeito

Pela outra ala, foi apresentado o nome de Dermeval da Fonseca Nevoeiro Junior para Prefeito e Hugo Romeiro Saraiva para Vice-Prefeito.

Após a votação, a candidatura Perin/Campeão recebeu vinte votos e Nevoeiro Junior/Saraiva receberam catorze votos. Os candidatos Vanildo/Bonilha não receberam votos, fato que pode ser explicado por fazer parte de esquema da "ala Perin".

Pela ARENA 1, Alvaro Perin teve como Vice-Prefeito Hygino Campeão, comerciante, elemento tradicional na cidade, mas que não possuía qualquer possibilidade política, fato que alguns chegaram a comentar em entrevistas informais: "O Perin quer provar que ele não precisa de ninguém para ser eleito", ou então "O Perin não depende dos votos do vice para ser eleito", etc.

A ARENA 2 teve como candidato a Prefeito Dermeval da Fonseca Nevoeiro Junior e como Vice-Prefeito Hugo Romeiro Saraiva, que embora não recebesse votação na relação inicial de catorze nomes para Prefeito (Tabela 1), entretanto mostrou-se, no decorrer da campanha, com uma habilidade própria dos políticos de clientela.

MDB

O MDB, esfacelado pelas lutas internas, tentava lançar seu candidato. A vitória do partido nas eleições legislativas de 1974, serviu para entusiasmar

alguns setores da comunidade que reivindicavam uma candidatura do MDB, pois não se justificava que uma cidade possuindo quase cinquenta mil eleitores, não lançasse um candidato a Prefeito, Vice e respectiva chapa de vereadores.

Como já foi dito em outro momento, o MDB não foi significativo na comunidade e as razões talvez possam ser buscadas no fato de Rio Claro ser uma cidade com resquícios tradicionais. As forças "representativas" da cidade passaram a compor a ARENA e, sendo assim, não oferecia condições para que o MDB atingisse o poder na comunidade. Além disso, se o voto tinha um caráter pessoal, não se poderia esperar outro comportamento.

Desta forma, o MDB local passou a ser o partido que congregava, na sua maioria, elementos sem consciência do momento histórico nacional, sendo por isso presa fácil para manipulação durante muitos anos, impedindo inclusive o surgimento de novas lideranças.

Como reflexo dos resultados eleitorais de 1974, o MDB local passou por um processo de "inchamento", com adesão de novos elementos. O comportamento do comando partidário para as eleições municipais de 1976, era uma incógnita, até que no dia treze de agosto de 1976 o Jornal Diário do Rio Claro, estampou o seguinte edital:

"MOVIMENTO DEMOCRATICO BRASILEIRO

Diretório Municipal de Rio Claro, SP.

Edital de Convocação de Convenção Municipal.

O Presidente da Comissão Executiva do Diretório Municipi-

pal do MOVIMENTO DEMOCRATICO BRASILEIRO — MDB — do Município de Rio Claro, Estado de São Paulo, na forma da Legislação Eleitoral vigente, convoca os Senhores Membros do Diretório Municipal, Vereadores do Partido com domicílio eleitoral no Município e os delegados à Convenção Regional, para a CONVENÇÃO MUNICIPAL, a realizar-se no dia 21 de agosto do corrente ano de 1976, à Avenida 1 n.º 18 (Sede do Partido), às 19,45 horas nesta cidade, para as deliberações da seguinte

ORDEM DO DIA

Escolha de candidatos do Partido a Prefeito, Vice-Prefeito e Vereadores à Câmara Municipal para as eleições do dia 15 de Novembro de 1976.

Rio Claro, 12 de agosto de 1976

(a) MARIO CARITÁ

Presidente da Com. Executiva"

O mesmo jornal, no mesmo dia 13 de agosto de 1976, trouxe a seguinte notícia:

"COMUNICADO DA BANCA-DA DO M.D.B. NA CÂMARA MUNICIPAL

Os abaixo assinados vereadores eleitos pelo Movimento Democrático Brasileiro, vem a público esclarecer ao eleitorado rioclarensense que o sr. Mário Caritá, Presidente do Diretório Municipal, ao publicar a convocação da

convenção do partido, para a data de 21 de agosto o fez sem nos consultar numa tentativa política de escapar as punições legais que esta mesma bancada solicitou à COMISSÃO EXECUTIVA DO DIRETORIO REGIONAL DE SÃO PAULO.

Pela inoportunidade da convocação, pela ilegalidade e também por não concordarmos com a mesma, deixamos aqui o nosso protesto, reservando-nos o direito de anulação do referido ato de convocação.

Rio Claro, 12 de agosto de 1976

Syllas Bianchini — Líder da Bancada

Irineu de Oliveira Prado
Wanglares Pedro Nadin”

Pela publicação do comunicado acima, percebe-se que existiu um movimento dos vereadores no sentido de total ruptura com o dirigente do Diretório local. No dia 14 de agosto de 1976 os jornais da cidade estamparam outro comunicado do MDB, já agora, na pessoa do seu líder à Câmara Municipal.

“COMUNICADO BANCADA DO MDB

Como líder da bancada do MDB na Câmara Municipal, cabe-me informar a população rioclareense, que solicitei da Comissão Executiva Regional, a dissolução do Diretório Municipal de Rio Claro, do qual é presidente o senhor Mário Caritá.

Esse pedido de dissolução

do Diretório é baseado no artigo 71 da Lei Orgânica dos Partidos Políticos, tendo o senhor Mário Caritá sido notificado dessa posição no dia 12 deste, em sua residência, e embora o mesmo tivesse se recusado a assinar o recibo de entrega da documentação, foi o mesmo citado por declaração de pessoas presentes ao ato.

Assim agindo e, na intenção de evitar que o cidadão presidente do Diretório, dispute o cargo de Prefeito Municipal, a bancada do MDB entende estar cumprindo um dever cívico e político, para maior moralização da vida pública rioclareense.

Rio Claro, 13 de abril de 1976

Pela bancada do MDB
Syllas Bianchini”.

Enquanto isso, os jornais faziam hipóteses de quem seria o possível candidato do MDB. Esta foi a razão pela qual, no primeiro levantamento, se fez constar o nome de uma pessoa que não foi candidata, reflexo das especulações que ocorreram, conforme Tabela II.

Os jornais da cidade, especificamente o Diário do Rio Claro, no dia 24-8-76, trouxe a seguinte notícia:

“O DIRETORIO MUNICIPAL DE RIO CLARO DO MOVIMENTO DEMOCRATICO BRASILEIRO “MDB” ESCOLHEU PARA PREFEITO: JOUBER TUROLA E PARA VICE JORGE ALVES

E para vereadores foram escolhidos os seguintes candidatos. . .

Rio Claro, 23 de agosto de 1976
Movimento Democrático Brasileiro

Jorge Luíz Alves — Presidente em exercício.”

A respeito do comunicado acima, dois fatos merecem comentário: o primeiro se refere ao fato de que, da relação de candidatos a vereadores publicada, não se fez constar o nome dos vereadores em exercício à Câmara Municipal de Rio Claro e que provavelmente seriam candidatos à reeleição; e o segundo se refere ao fato de que o Presidente do Diretório se afastou e passou a presidência para um elemento de sua confiança, enquanto tinha prosseguimento um processo contra sua pessoa na justiça da cidade de São Carlos (SP).

Na mesma data em que o Diretório publicou a relação dos candidatos, o Delegado do partido, designado pelo Diretório Regional do MDB, fez publicar nos jornais da cidade a dissolução do Diretório do MDB em Rio Claro, nos seguintes termos:

“COMUNICADO AOS ELEITORES DO MDB

Transcrevo abaixo, documento de suma importância para o eleitorado rioclarenses:

“O DIRETORIO REGIONAL DO MOVIMENTO DEMOCRATICO BRASILEIRO de São Paulo, nos termos do § 1.º e com base no inciso 1.º do art. 71 da Lei n.º 5.682, de 21 de julho de 1971, considerando os fatos expostos pelos signatários da representação de fls., e as circunstâncias de estarem os mesmos devidamente comprovados pela documentação

constante do processo e, considerando ainda que embora citado nos termos da declaração de fls., o Sr. Presidente não apresentou, em tempo hábil nenhuma defesa permitindo que o processo corresse à revelia.

RESOLVE — dissolver o Diretório Municipal de Rio Claro. São Paulo, 21 de agosto de 1976 ass.) Natal Gale (Presidente.e) . . .”

“Após a dissolução, registrada em Ata da Convenção, registrado este na Ata separada, por indicação constante de outro documento do Diretório Regional de São Paulo, assumi o cargo de Delegado perante o Colendo Juiz Eleitoral, para presidir a escolha dos candidatos a Prefeito, Vice-Prefeito e Vereadores que irão disputar as eleições de 15 de novembro próximo.

Por esses motivos, e outros mais, qualquer informação que vier a público sobre o MDB e seus possíveis candidatos, caresem de validade.

Syllas Bianchini — Delegado”

Desta maneira pode-se observar que o Diretório Regional dissolveu o Diretório Municipal, ficando como Delegado do partido o seu líder à Câmara Municipal de Rio Claro.

Anulada a convenção anterior pelo Delegado que assumiu as funções, uma nova convenção é marcada para lançar chapa de prefeito e vereadores.

Enquanto isso, a ala que pela primeira vez na história do MDB em Rio

Claro se viu alijada, deu início a uma “batalha” judicial.

Na convenção realizada no dia 24-8-1976, o MDB lançou uma chapa de Prefeito e Vereadores, tendo à frente como candidato à Prefeitura, o advogado Rui Pignatari Fina, de tradicional família rio-clarense, apresentando uma folha de serviços na vida política da cidade, já candidato a Prefeito anteriormente pela mesma sigla partidária e, como candidato a Vice-Prefeito o Professor Hélio Jorge dos Santos, elemento também com passado na vida política de Rio Claro.

Em 14-9-76, a dois meses do pleito, o jornal Diário do Rio Claro, comentou que, enquanto a ARENA apresentava dois candidatos à Prefeitura, o MDB apresentava um e assim mesmo dependendo de decisão judicial, em razão do presidente do Diretório afastado ter dado entrada na justiça com pedido de nulidade da decisão do Diretório Regional.

No dia 23-9-76 os jornais de Rio Claro, estamparam matéria em seção livre: “MÁRIO CARITÁ VOLTA À LUTA. Finalmente, a 21 de setembro, terça-feira, a Justiça através de pronunciamento do Dr. Antero Lichotto, Juiz de Direito da 2a. Vara da Comarca de São Carlos-SP, prolatou sentença segundo a qual a partir de agora nada há de se alegar contra Mário Caritá, nada pode ser utilizado para tricas políticas ou manobras para impedir o reconhecimento popular dessa figura. . .”

No dia 5-10-76, os jornais da cidade trazem nova manchete:

“Diretório Municipal do MDB de Rio Claro escolheu MÁRIO CARITÁ candidato a Prefeito Municipal.

Domingo último, às 18 horas, na Sala das Convenções do Itaipu Hotel, realizou-se a Convenção Municipal do Movimento Democrático Brasileiro, e na qual foi escolhida a candidatura de Mário Caritá para Prefeito Municipal e de Jorge Luiz Alves para Vice-Prefeito. . .”

Em 17-10-76 o Jornal Diário do Rio Claro, estampou notícia de que Mário Caritá havia solicitado registro de sua candidatura. Faltavam apenas vinte e oito dias para as eleições e o MDB ainda não havia se definido a nível legal. Ainda no dia 26 de outubro de 1976, o mesmo jornal traz em manchete a seguinte notícia:

“Problema de registro dos candidatos do MDB passa a ser resolvido pelo Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo.

Nossa reportagem tomou conhecimento de que a Justiça Eleitoral local, indeferiu a solicitação de registro das candidaturas do Dr. Rui Fina e Prof. Hélio Jorge dos Santos, respectivamente para Prefeito e Vice, bem como, dos candidatos a vereadores. Por outro lado, a solicitação de registro da chapa encabeçada por Mário Caritá, foi impugnada, sendo que os dois processos serão, ainda, esta semana, remetidos ao Tribunal Eleitoral de São Paulo, que tem prazo até o dia 3-11 próximo, para se pronunciar. . .”

No dia 29 de outubro de 1976 o jornal Diário do Rio Claro, trouxe a se-

guinte manchete:

“MDB COM RUY FINA PARA O PLEITO DE 15 DE NOVEMBRO.

O Deputado Dias Menezes ontem pelas 20,00 horas, telefonou ao “Diário”, informando que o Tribunal Regional Eleitoral, às 19,00 horas, julgou o recurso interposto pelo vereador Syllas Bianchini, como Delegado Especial da Comissão Executiva Regional do MDB, reformando a sentença do juiz eleitoral de Rio Claro, que indeferira as candidaturas a Prefeito, Vice e Vereadores lançadas pela direção do Partido em São Paulo.

O Tribunal entendeu que era válida a aplicação da Lei Prisco Viana que dá direito a Executiva Regional de apresentar os candidatos quando tinham sido anuladas as Convenções Municipais.

Dessa forma, o MDB terá como candidato a prefeito em nossa cidade, Ruy Fina, e como vice, o professor Helio Jorge dos Santos.

O julgamento foi assistido pelo Deputado Federal Dias Menezes.”

Após essa decisão, Mário Caritá recorreu ao Tribunal Superior Eleitoral. A crise continuava no MDB: por um lado Mário Caritá publicando sua foto nos jornais dizendo-se candidato e de outro Ruy Fina fazendo comícios e contatos em residências, portas de fábricas, bares etc.

No dia 5 de novembro de 1976, a dez dias do pleito, novamente o jornal Diário do Rio Claro apresentou manchete a respeito:

“CRISE VOLTA AO MDB RIO-CLARENSE E CARITÁ DE-CLARA QUE É CANDIDATO.

Na tarde de ontem, recebemos a visita de Mário Caritá, que nos adiantou ter chegado de Brasília, onde Ministros do Tribunal Superior Eleitoral, por unanimidade de votos, deram provimento a recurso por ele impetrado com referência a sua participação nas eleições de 15 de novembro, como candidato a Prefeito Municipal.

Mário Caritá trouxe consigo xerox de dois acórdãos daquele Tribunal Superior Eleitoral, sendo que o de n.º 6214 reconhece a validade da última convenção realizada (foi no Hotel Itaipu), bem como determinando o registro dos candidatos escolhidos na mesma. O outro acórdão, de n. 6215, cita que “não pode a Comissão Executiva Regional do Partido indicar candidatos aos cargos eletivos ao pleito de 15 de novembro, sem apoio em artigo e resolução (Lei 6.358/76, determinando assim o cancelamento de registro de candidatos do partido . . .)”

Após isso, Ruy Fina impetrou dois mandatos de segurança perante o Supremo Tribunal, mas em vão.

4.3. Temas e Campanhas

ARENA 1

A campanha eleitoral da ARENA 1 teve um apelo para a tradição dos valores da família, Deus, moral e responsabilidade, sendo que tais apelos eram apresentados em folhetins distribuídos à população, ou eram repisados a partir dos anunciantes nos comícios, pelo candidato e demais oradores.

Instalado o comitê central, procurou-se instalar também o comitê feminino e comitê jovem, que foram canalizadores das mensagens não “progressistas” do candidato. A tarefa, principalmente do grupo de senhoras, era a de ir de casa em casa solicitando o voto em nome do candidato.

Tentava-se dar aos comícios realizados o caráter de reunião familiar e isso era dito pelo apresentador, “Meus amigos, estamos aqui para em família apresentarmos nossas idéias e nossos candidatos...”. Ocupavam o microfone, invariavelmente, a esposa do candidato, o candidato e às vezes uma pessoa com vínculos com o candidato ou com certo prestígio político. Após os discursos, pouco antes do encerramento dos comícios, o candidato a prefeito, Alvaro Perin, lia os nomes dos candidatos a vereadores que compunham a sua chapa, os quais se misturavam entre a assistência, e, à medida que eram chamados, levantavam o braço, com alguns chegando a dizer “presente”.

Esta atitude, muitas vezes considerada cômica e criticada pelos adversários, isto é, os próprios arenistas da sublegenda ARENA 2, refletia, provavelmente, a personalidade autoritária do candidato, sendo que um candidato a vereador chegou a dizer: “parece que Perin quer dizer “eu me basto...”

Os candidatos constantemente reforçavam os vínculos com o Presidente da República e Geisel passou a ser citado em todos os comícios. Na ARENA e em Geisel repousavam a solução dos problemas do município, representando a nível local a identidade dos candidatos com a expectativa da ARENA a nível Nacional, isto é, ser porta-voz e sustentadora do sistema, como já foi visto na introdução. Em nenhum momento a campanha tomou cunho de aparência popular. O próprio candidato a Prefeito Sr. Alvaro Perin, ao ser entrevistado, respondendo a questão: “O Senhor acha que o povo sabe escolher?”

“... em termos de Rio Claro, vamos particularizar, eu acho que o povo tem sabido. As opções se oferecem, mas há uma tendência sempre conservadora de nosso povo que tem se conduzido com muito equilíbrio e os últimos pleitos eleitorais locais tem denunciado esta perspectiva”.

Pode-se dizer que essa visão que o candidato teve da realidade local, guiou as manifestações de sua campanha. Ainda respondendo a uma outra questão, disse o candidato:

“... ainda acho que o eleitorado decide, precedido de uma análise pessoal e sobretudo de antecedentes.”

Desta maneira, a inovação, talvez única que se tenha feito na campanha da ARENA 1, foi a presença de vereadores seja levantando os braços, seja respondendo presente.

Talvez que essas manifestações tenham sido reflexos também da certeza da vitória, isto é, “quem quiser vencer

que me siga sem vacilar” conforme declarou um entrevistado. O candidato envolveu na sua campanha o seu passado de “trabalho”, “bom filho”, “bom esposo”, “bom pai”, “bom cidadão”, etc. Participava de movimentos religiosos da Igreja Católica e isto referendava um candidato de uma cidade cujas aspirações ainda são tidas como tradicionais.

Perin, em última análise, não inovou na sua campanha, ficando esta baseada nos seguintes pontos:

1. comícios
2. contatos pessoais
3. visitas a residências
4. jornais
5. distribuição de volantes

Esses pontos básicos deveriam bastar para a eleição do candidato, desde que sua mensagem estivesse relacionada à realidade das bases, e que se tivesse, pelo menos, sensibilidade para tratar dos assuntos de maior expectativa da população votante. Talvez tenha havido um desencontro na mensagem do candidato por não ter conseguido apreender os novos tempos, as novas expectativas aguçadas pela eleição legislativa de 1974, onde os problemas eram debatidos sem a presença da “Lei Falcão”, etc.

No comício de encerramento a ARENA 1 introduziu um “sambão”, demonstrando um clima de euforia e festa. Foi tarde porém. Essas inovações foram uma tentativa de lutar no esquema do candidato da ARENA 2. O sentido austero estava sendo “enterrado” naquela hora. No meio de samba e rojões ouvia-se o refrão: “um, dois, três, Perin outra vez”.

Logo após foi anunciada a palavra do candidato que começou dizendo:

“Deus nos deu uma formação familiar. . . Nunca faltamos com a verdade. . .” contraditando com o espírito que se pretendia fazer reinar, voltando ao esquema “padronizado” de sua linguagem.

ARENA 2

A candidatura Nevoeiro Junior, foi recebida com surpresa e perplexidade, porque, como já foi dito, não havia dúvida, perante a população local e mesmo junto aos políticos de várias correntes, quanto à vitória esmagadora de Alvaro Perin. Diante dessa realidade partimos da hipótese de que a candidatura da ARENA 2 foi mais um reflexo da exigência da Legislação Eleitoral vigente no país, do que reflexo da crença da “ala Karan” no candidato apresentado uma vez que sem uma sublegenda não poderia haver uma chapa de vereadores dessa ala, conforme já foi citado em outro momento deste trabalho.

No princípio, os candidatos à vereança estavam ainda arredios da campanha uma vez que a crença da derrota era inevitável e portanto a hora era do “salve-se quem puder”. O próprio candidato a Prefeito pela ARENA 2, no dia 15-11-76, dia das eleições, ao ser entrevistado, respondeu a pergunta: “A que você atribui sua aceitação na convenção do partido?”, com palavras que dão a possibilidade de observar a consciência do papel que êle havia representado:

“... eu acho que me aceitaram nessa convenção, para ser bem sincero, é porque não havia outra opção aos elementos que integram as lideranças que me apoiaram. Essa é a razão que eu reputo de fundamental, ou seja,

representava a tábua de salvação para muita gente. Nevoeiro vai ser candidato, vai ter uma votaçãozinha razoável e nós vamos continuar na política e tudo bem. Entende, essa foi a razão. Ninguém acreditava na minha eleição. Único cara que acreditava era eu mesmo." (*)

A campanha Nevoeiro Junior teve um planejamento que sofreu redefinições constantes, do primeiro ao último dia, adequando-se à expectativa do eleitorado.

De início criou-se um "slogan" da candidatura: "INOVAR PRESERVANDO". Ora, é sabido que a população de todas as cidades que começam a sua fase industrial ou já estejam nela, têm uma preocupação constante, tipicamente "classe média", com a poluição de suas águas, ar, área verde etc. Na realidade isto se deve em muito aos meios de comunicação nestes últimos anos, que vem abordando esses temas com alguma frequência. Rio Claro, não foge à regra; há alguns meses foi criada pela Prefeitura Municipal uma comissão para análise da poluição, que levantou problemas, passando a preocupar parte significativa da população. Assim, o "slogan" "INOVAR PRESERVANDO" significava a preservação da qualidade de vida do cidadão sem impedir a inovação, como se tal "slogan" não fosse contraditório.

Nada deveria ser improvisado. Deveria parecer fruto de uma vontade, mesmo que esta não existisse, lembrando a Maquiavel. Pessoas de nível universitário, foram chamadas para assessorar a campanha.

Em entrevista informal com um dos assessores da campanha, foi dito que eles levantaram todas as prioridades dos bairros, centro e sempre dentro da perspectiva dos moradores, constatando que cada bairro tinha necessidades e preocupações, às vezes coincidentes, outras vezes não. Então, tudo que se desenvolveu na campanha foi reflexo de um diagnóstico, cuidado esse que, segundo pôde ser observado, foi tomado até o último dia da campanha.

Os comícios, no princípio, assim como os da ARENA 1, não conseguiam reunir um grande público; garantia-se a presença de ouvintes com o próprio pessoal vinculado à campanha, os famosos "batedores de palmas" e "soltadores de rojões".

Como o objetivo do comício é falar a um grande público, uma vez que estavam vedados os meios de comunicação pela "Lei Falcão", a ARENA 2, introduziu, a uns trinta dias das eleições, um filme colorido do candidato em mangas de camisa, perto de máquinas operadoras de estradas, empresas, casas populares, tendo como fundo musical uma música que vinculava o candidato à religião: "Jesus Cristo". Nas cenas mais dinâmicas do filme, o Prefeito em exercício falava das qualidades e dinamismo do candidato, vindo após, a voz do próprio candidato. Tudo isso passou a ser feito nos locais dos comícios, obedecendo ao seguinte ritual: inicialmente os rojões, para chamar a atenção do bairro, confirmando o que uma perua com altofalante havia anunciado durante todo o dia; depois eram apresentados filmes de desenho animado para a gurizada — única maneira de "arrancar" os pais dos

(*) O candidato ao responder a questão, o fez como se já tivesse sido eleito. As apurações começaram no dia 16-11-1976.

seus lares, segundo um assessor da campanha — vindo em seguida o filme do candidato a Prefeito.

Acabada a sessão de cinema ao ar livre, ato contínuo, as luzes eram acesas e eis que surgia o candidato e sua comitiva e entre palmas e rojões era dado início ao comício, lembrando porém, que haveria uma nova apresentação de filmes após o comício, o que de fato ocorria. Ao final, iniciada novamente a sessão de cinema, o candidato se dirigia pessoalmente a cada um dos indivíduos presentes agradecendo a presença e apertando a mão, ao mesmo tempo que dirigia palavras de carinho às crianças.

Com relação ao desenvolvimento dos comícios, deve-se dizer que a palavra era sempre dada a candidatos a vereadores, vice-prefeito, moradores do bairro, ao prefeito e ao candidato. Já nos dias mais próximos às eleições, a mãe do candidato a prefeito, também dentro de um ritual, subia no palanque e solicitava o voto para “aquele filho que jamais iria decepcionar o povo de Rio Claro..”. Cabe salientar aqui que o candidato a Prefeito pela ARENA 2 era solteiro.

O Prefeito em exercício, por sua vez, homem de tradição religiosa, apelava constantemente a Deus e ao sentimentalismo. Veja-se um trecho de seu discurso caracterizando inclusive contradições:

“Deus permitiu que eu conhecesse este bairro. Quantas vezes eu vim a este bairro a noite encontrando tudo às escuras. Vinha para atender aos doentes como “Diretor do Pronto Socorro”. Aqui não tinha nada. Permitiu Deus. Louvado seja Deus, que permitiu a mim servir este bair-

ro... Este bairro tem 1.600 crianças a quem damos merenda escolar. Atendemos 16.851 crianças de Rio Claro com alimentação e já foram gastos 561.000 com alimentação. Nosso desejo é ver crianças crescerem alegres com os pais. Meu fracasso é Assistência Social... Perdoem se pouco fiz por vocês e que Deus nos ajude”.

Os comícios tinham as características de realçar o candidato, cuja juventude e dinamismo estavam tão bem amparadas pela “bondade” e “humildade” do prefeito em exercício, que sempre alegava que a eleição do candidato da ARENA 2 seria o reconhecimento e aval que o povo daria ao seu governo, coincidindo com as declarações do candidato Nevoeiro Junior que dizia que o Senhor Oreste seria o seu “companheiro de todas as horas”.

Frases-apelo como “arrimo de família”, “cedo ainda começou a trabalhar para o sustento da mãe e da irmã”, etc. eram lembradas constantemente, uma vez que isso, ao valorizar o candidato, servia também para sustentar a própria expectativa da grande massa, para quem “vencer na vida” é o grande sonho para si e principalmente para seus filhos. Na realidade o candidato da ARENA 2 acompanhado dessas frases personificava esse sonho. O importante, segundo se depreende da campanha, era dizer coisas que resultassem em votos.

Houve comícios em que violeiros antecederam os candidatos, chegando mesmo a ter palhaços que ocupavam o palanque nos intervalos dos violeiros, até a chegada do candidato.

A menos de trinta dias das eleições, um grupo de senhoras, lideradas pela

mãe do candidato e parentes, percorreram a cidade de casa em casa “solicitando o voto para o bom filho, o bom sobrinho, o bom amigo, para servir a causa de Rio Claro”. Esta mobilização foi muito importante, a partir do instante que se constata, conforme Tabela 15, que grande parcela da população gosta e prefere contatos pessoais para optar pelo candidato. Estas visitas eram feitas também pelo candidato.

A utilização dos meios de comunicação, apesar da “Lei Falcão”, foi intensa, isto é, o candidato conseguia aparecer em muitas oportunidades, fosse em acontecimentos sociais ou em inaugurações programadas pela própria Prefeitura Municipal, e com isso as primeiras páginas dos jornais traziam as manchetes e os principais programas de rádio arremavam um jeito para que o candidato fosse mencionado.

Um acontecimento marcante nessa campanha foi o programado pela ARENA 1 para lançamento de casas populares pelo então responsável, deputado Rafael Baldacci, em aberto apêlo ao candidato Alvaro Perin. Os jornais e rádios da cidade ficaram anunciando o evento durante vários dias. Nesse dia, o local designado estava completamente tomado, e eis que apareceu lá também o candidato da ARENA 2, procurando com isso transformar o acontecimento como da ARENA e não de um determinado candidato. Com isso ganhou páginas dos jornais e rádios. Outro caso que se pode citar ocorreu com a Rede Feminina de Combate ao Cancer da cidade. Foi feito um bazar para obter recursos para a Rede e eis que o jornal da cidade estampou a fotografia do candidato Nevoeiro Junior entregando um cheque à Diretoria, com a seguinte legenda: “Nevoeiro Junior entregou para

Alzira Ferro, cheque correspondente aos seus subsídios do mês de agosto último. Desde que começou a receber subsídios, o vereador vem doando os cheques às obras assistenciais”.

Utilizou-se intensamente os chamados “volantes” de propaganda, entregues de casa em casa todos os dias dos últimos trinta dias que antecederam as eleições. Recebia-se carta da mãe do candidato apelando para sufragarem o nome do filho, do próprio candidato e do Prefeito que o apoiava.

Ressalte-se também que a campanha teve lances mais arrojados. Nos últimos dias um avião com uma enorme faixa cruzava a cidade em todas as direções com o chavão: “VOE ALTO COM NEVOEIRO JUNIOR”. Este apelo visualizado pela população era uma forma de fazer com que os eleitores pensassem no candidato ao mesmo tempo que era um convite para “grandes momentos”.

Diariamente jovens cruzavam a cidade, de casa em casa, procurando saber para quem seria o voto e quando a resposta fosse negativa o candidato ou outros elementos identificados com a campanha, passavam a visitá-la, o que na linguagem dos assessores era considerado “um verdadeiro massacre”...

De uma maneira geral a ARENA 2 inovou a forma e programa de campanha. Deu-se ênfase ao nível de vida, da necessidade de atendimento da saúde pública, escola, lazer, creches, parques infantis, telefones públicos, pronto socorro de urgência para cada bairro, merenda escolar, criação de novos empregos, indo de encontro às expectativas de cada bairro.

Com relação ao esporte, desenvolveu-se a idéia de prestigiar a construção de estádios distritais, ao mesmo tempo que se procurou desde o princípio vincular o candidato da ARENA 2 ao “Velo Clube”, clube de futebol de maior torcida da cidade, considerado “o clube da grande massa”, ao mesmo tempo que houve uma preocupação em vincular o candidato da ARENA 1 com o outro clube de futebol.

A identidade com o “Velo Clube” chegou a tal ponto que o Jornal “Diário do Rio Claro”, em 9-9-76, traz uma sutil manchete, que entre outras coisas diz:

“...o médio volante corintiano Tião pode ser do Velo Clube, para reforçar a equipe rubro verde... Sabe-se que o industrial e vereador Professor Dermeval da Fonseca Nevoeiro Jr., candidato a prefeito municipal de Rio Claro vai dar mão forte ao Velão 76”.

Como já se disse, a campanha se redefiniu constantemente nos últimos trinta dias que antecederam as eleições, procurando o eleitor a todo instante. O candidato da ARENA 2, do princípio ao final da campanha, procurou reafirmar sua identidade com todas as classes, como se isso não fosse contraditório, “do operário ao industrial”, conforme se pode observar nos trechos das duas cartas que transcrevemos abaixo:

“Rioclarense.

... Julgo-me capacitado para ser Prefeito, pois acredito nas pessoas que como eu, formadas no trabalho do dia a dia, são capazes de compreender e solucionar os problemas desta cidade e, assim falo, porque identifico-me com

os humildes pelas minhas origens; com os industriais porque sou um deles; com os comerciantes porque comungo seus anseios, conheço os problemas do campo pela vivência de homem da zona rural, sou sensível aos problemas educacionais pela minha formação. Sinto os anseios da juventude porque a ela pertencço...”

Já para os homens de empresa, a carta seria mais específica:

“*Companheiros*

É chegado o momento de juntos, unidos, mobilizados, o poder público e a iniciativa privada fazerem valer os seus direitos e os seus legítimos interesses”.

Finalmente pode-se dizer que a ARENA 2, mostrava-se muito mais preocupada com a ARENA 1 do que com o MDB, como seria o esperado. A ARENA 2 nos comícios tanto rebateu críticas formuladas pelo candidato da ARENA 1, como as formulou.

MDB

O MDB, com Rui Fina como candidato, desenvolveu uma campanha — posteriormente impedido pela Justiça Eleitoral que anulou a convenção que o havia lançado, dentro de padrões modestos, sem interferência do poder econômico, mas obedecendo a uma linha nacional do partido na reivindicação de “liberdades democráticas”, “crítica ao sistema de empobrecimento do operário, crítica a “Lei Falcão” etc. É bem verdade que dentre a grande maioria dos participantes da campanha, apenas uns poucos poderiam ser enquadrados como

integrados ao programa do partido. Neste particular observou-se que apenas o candidato a Prefeito e Vice e uma minoria dos candidatos a vereador falavam a linguagem emedebista. A campanha do MDB se desenvolveu até o dia em que a Justiça Superior Eleitoral de Brasília anulou a candidatura Rui Fina.

Os comícios do MDB, assim como os da ARENA, no início, careciam ainda de motivação; com o passar dos dias, embora a luta judicial interferisse, aumentou consideravelmente o comparecimento do eleitor na praça pública, embora o MDB não dispusesse dos mesmos artifícios da ARENA 2.

O acesso ao microfone era livre para os candidatos, desde que houvesse tempo, assim como se respeitava a palavra de um morador do bairro que estivesse identificado com o partido.

Nos seus últimos comícios o MDB, através de seus candidatos, alegava que havia um “complô” contra a candidatura Rui Fina em razão de uma provável aliança do Sr. Mário Caritá com grupos da ARENA.

De uma maneira geral a campanha atribulada do candidato impugnado Rui Fina, deixou ao povo as seguintes opções:

1. anular o voto
2. votar com a ARENA 2. mesmo porque a nível teórico essa sublegenda foi a que mais se identificou com teses “progressistas”.

Causou estranheza o fato de o candidato validado pelo Supremo Tribunal Eleitoral, Sr. Mário Caritá, não se preocupar com sua eleição, salvo publicar alguns dias antes, na imprensa local uma

foto sua, com os seguintes dizeres: “Para Prefeito Mário Caritá”. Outro aspecto contraditório e muito grave, é que o candidato Mário Caritá não tinha chapa de vereadores. Por esse motivo essa candidatura foi até certo ponto hilariante, contribuindo para as dúvidas que haviam sido manifestadas nos comícios do MDB, liderados por Rui Fina.

A campanha do candidato a Prefeito Rui Fina, terminou com a sentença judicial e com ela o próprio MDB em Rio Claro, como bem o demonstra a Tabela 16 dos resultados das eleições.

Ao despedir-se do eleitorado, distribuíram na cidade um volante, onde procuraram esclarecer a luta judicial, a vaga esperança que restou de uma eventual anulação das eleições, mas afirmaram e reafirmaram sua disposição de receber os votos dos emedebistas:

“Obrigado de Ruy e Hélio
... por essa nossa vinculação com o nosso Eleitorado, devemos dizer-lhe que, sob o peso de forças incontroláveis, e mesmo diante de percalços, eu e o Hélio Jorge não alienamos a nossa mensagem emedebista, porque essa nossa mensagem não se vende, nem se compra; não a barganhamos e jamais a negociáramos, com quaisquer poderosos, e nem jamais a renderíamos a quaisquer forças incontroláveis ou ocultas. Nossa mensagem emedebista é e será INALIENÁVEL. Por esse motivo eu e o Hélio Jorge entendemos que continuamos politicamente candidatos, e que a **NOSA VOTAÇÃO HÁ DE SER INTRANSFERÍVEL**. Se nós lutamos, até ao mais Alto Tribunal da Nação, para termos o direito

de receber esses votos do Eleitor de Rio Claro; se nós batalhamos até ao Supremo Tribunal do Brasil, foi para que esse nosso Eleitorado tivesse, e tenha, reciprocamente, o direito assegurado de livremente votar em nossas Candidaturas. Portanto, assim como eu e o Hélio Jorge jamais transferimos ou transferiremos esses votos, ou esse prestígio político, a outros Candidatos, também os nossos Eleitores, temos certeza, **NÃO TRANSFERIRÃO OS SEUS VOTOS**, a qualquer outro Candidato — mas **CONTINUARÃO A NOS PRESTIGIAR**, comparecendo às Eleições, votando maciçamente, optando por nós — como já haviam escolhido — manifestando essa sua vontade e votação nas Urnas! Por todos esses motivos, ainda que percamos uma batalha, continuaremos na trincheira da Oposição. A luta engrandece, quando é feita por ideal, pois, como dizia RUY BARBOSA, “luta-se, até para perder”. E com nossas consciências em paz, ao final desta batalha, recordamos o Apóstolo PAULO, na sua Segundo Epístola a Timóteo: **COMBATI O BOM COMBATE; ACABEI MINHA CARREIRA, MAS GUARDEI A MINHA FÉ. DE RESTO, ME ESTÁ RESERVADA A CORÔA DA JUSTIÇA, QUE O SENHOR, JUSTO JUIZ, ME DARÁ NAQUELE DIA**”. Agora, esse dia, será o das Eleições de 15 de Novembro. E a corôa de nossa Justiça será a voz do Povo — que é a voz de Deus”.

Assim, os candidatos do MDB terminaram sua manifestação com uma citação bíblica, além de uma de Ruy Barbosa, permeada de fatalismo.

Apesar de tudo o MDB conseguiu preocupar a ARENA e fez com que a mesma aguardasse com muita expectativa o resultado da Justiça, porque caso fosse confirmada a candidatura Ruy Fina, teria havido uma profunda alteração nos resultados das eleições de 1976, principalmente com relação a ARENA 2 e ARENA 1.

A linguagem do MDB foi mais próxima do povo, sendo, por breve espaço de tempo, o conduto onde se encontraram todas as oposições e descontentamentos, fato que próximo a 15 de novembro se percebia crescente.

O conteúdo dos comícios e propaganda se orientou por aspectos legalistas a nível nacional e local, reinvidicando o império da Lei, além da formulação de críticas aos candidatos da ARENA.

Impugnada a candidatura Rui Fina, impugnou-se também a chapa de vereadores, ficando no lugar a candidatura Mário Caritá que mais pareceu o candidato para não vencer.

4.4. Opção no Momento que Antecede as Eleições.

Neste segundo levantamento, constatou-se o seguinte resultado:

Resultados de opção antes das eleições.

PERIN (ARENA 1)	FINA (MDB)	NEVOEIRO (ARENA 2)	BRANCO —
112	31	36	33

TABELA 5

N = 212

A partir da Tabela 5 constata-se que o candidato da ARENA 1 mantém sua superioridade em mais de 50% dos votos, ultrapassando sua votação as dos demais candidatos, inclusive os em branco, não modificando substancialmente o comportamento do voto comparado com o primeiro levantamento feito.

É conveniente lembrar também que neste ponto não se encontra o nome de Mário Caritá, cuja candidatura foi admi-

tida pela Justiça Eleitoral, apenas no dia 5-11-79, portanto a dez dias das eleições. Por esta razão o candidato Rui Fina é que vinha desenvolvendo campanha e não se supunha, nesta data, qualquer inversão de candidaturas, conforme já se disse anteriormente.

Pela Tabela 6, pode-se visualizar a opção pelos candidatos segundo o sexo dos eleitores:

Opção em função do sexo, antes das eleições.

CANDIDATO SEXO	PERIN (ARENA 1)	FINA (MDB)	NEVOEIRO (ARENA 2)	BRANCO
Masculino	36	8	9	6
Feminino	76	23	27	27
TOTAL	112	31	36	33

TABELA 6

N = 212

Na Tabela 6, considerando a quantidade de votos femininos e masculinos

destinados a cada candidato, constata-se que o candidato da ARENA 1 conseguiu para cada voto masculino, dois votos fe-

mininos e tanto o candidato da ARENA 2, como o do MDB, a relação é de um voto para cada três votos femininos.

Analisando-se a questão voto ao candidato, em relação à idade, obteve-se os dados constantes da Tabela 7.

Opção em função da idade dos eleitores, antes das eleições

CANDIDATO \ IDADE	PERIN (ARENA 1)	FINA (MDB)	NEVOEIRO (ARENA 2)	BRANCO	TOTAL
18 a 23	19	6	4	2	31
24 a 30	13	6	3	6	28
31 a 35	12	4	9	6	31
36 a 40	13	5	4	3	25
41 a 45	6	1	3	2	12
46 a 50	10	3	3	5	21
Mais de 50	39	6	10	9	64
TOTAL	112	31	36	33	212

N = 212

TABELA 7

Um fato que chama a atenção na Tabela 7, é que, apesar de Alvaro Perin ser mais votado em todas as faixas etárias, a proporção dentro a faixa "46 a 50" anos de idade e "mais de 50" anos,

é maior do que em relação às demais e diminui a votação proporcional para os outros dois candidatos. Nevoeiro Junior detém a preferência proporcionalmente, na faixa etária entre 31 a 35 anos, fi-

Opção em função do estado civil

CANDIDATO \ ESTADO CIVIL	PERIN (ARENA 1)	FINA (MDB)	NEVOEIRO (ARENA 2)	BRANCO	TOTAL
Casado	83	23	27	26	159
Solteiro	18	7	5	6	36
Viúvo	10	—	4	1	15
outro	1	1	—	—	2
TOTAL	112	31	36	33	212

N = 212

TABELA 8

cando o candidato da ARENA 1 com uma diferença de apenas 3 votos. O candidato do MDB Rui Fina, ultrapassa o candidato da ARENA 2, nas faixas de 18 a 23 e 24 a 30 anos.

Procurou-se analisar também a opção em face do estado civil dos indivíduos amostrais, obtendo-se o resultado apresentado na Tabela 8.

A Tabela 8 mostra que a vantagem de Alvaro Perin é significativa, seja com relação a casado, solteiro ou viúvo. Apenas no ítem de não casados, obteve-se

um empate entre Perin e Fina.

Observa-se que dentre os eleitores que estavam indecisos ou não declinaram opção por nenhum candidato, foram obtidos 33 indivíduos, contra 31 para Fina e 36 para Nevoeiro Junior, o que torna uma quantidade altamente significativa para os candidatos menos votados.

Procurou-se saber também o nível de escolaridade dos votantes e analisando-se a opção feita para candidato, em função dessa característica, foram obtidos os dados da Tabela 9.

Opção em função da escolaridade

CANDIDATO ESCOLARIDADE	PERIN (ARENA 1)	FINA (MDB)	NEVOEIRO (ARENA 2)	BRANCO	TOTAL
Primário comp.	48	16	14	8	85
Primário Incomp.	42	10	7	12	71
Secundário Comp.	10	2	7	6	25
Secundário Incomp.	7	3	4	2	16
Superior Completo	3	—	3	1	7
Superior Incompl.	3	—	1	4	8
TOTAL	112	31	36	33	212

N = 212

TABELA 9

Ressalte-se na Tabela 9 que dentre sete votantes de nível Superior Completo, três optaram para Alvaro Perin, três para Nevoeiro Junior, um voto em branco e nenhum voto para Rui Fina, isto é, 6 votos para a ARENA e zero voto para o MDB, o que, de maneira geral contraria as expectativas de que indivíduos com curso superior tendessem a optar para o MDB. Além disso, o grupo "Superior Incompleto" também não deu nenhum voto para o MDB ficando três votos pa-

ra Perin, um para Nevoeiro Junior e quatro votos indecisos ou em branco.

É interessante observar-se o comportamento dos indivíduos com instrução primária completa e primária incompleta, faixas em que o MDB detém sua votação superior ao candidato Nevoeiro Junior da ARENA 2.

Pela Tabela 9 pode-se afirmar que o eleitorado do MDB em Rio Claro, para as eleições de 1976, esteve concentrado nas faixas de escolaridade menor, pri-

mário completo e incompleto, diminuindo e desaparecendo do quadro geral à medida em que cresce o nível de escolaridade.

Procurou-se obter dados que revelassem a consistência dos votos dados, e para tanto, foram formuladas as seguin-

tes questões: 1) “Se o seu candidato estivesse no outro partido, você votaria nele?”; 2) “Se as eleições fossem hoje, em quem voce votaria para Prefeito?”. Analisadas em conjunto as respostas a ambas as questões, obteve-se os seguintes resultados:

Resultados obtidos na verificação da consistência dos votos

Se as eleições fossem hoje, em quem votaria?	Se o candidato estivesse em outro partido?				
	PERIN (ARENA 1)	FINA (MDB)	NEVOEIRO (ARENA 2)	BRANCO	TOTAL
SIM	86	10	26	13	135
NÃO	23	20	10	4	57
BRANCO	3	1	—	16	20
TOTAL	112	31	36	33	212

N = 212

TABELA 10

Percebe-se que o voto dado ao MDB possui maior consistência, pois 65% dos optantes pelo MDB não votariam no candidato se ele estivesse em outro partido, invertendo essa relação quando comparado com os candidatos da ARENA, isto é, menor consistência do voto. Pela Tabela 10, verifica-se também que o voto dado ao candidato Alvaro Perin, proporcionalmente, foi o menos consistente vindo em segundo Nevoeiro Junior, razão porque os contatos diretos entre candidato-eleitor, foram frutíferos para obtenção do voto, conforme ratifica a Tabela 15.

Quanto à ocupação dos indivíduos amostrados e suas opções de voto, con-

seguiu-se os dados constantes da Tabela 11. Por essa Tabela observam-se fatos interessantes. O candidato do MDB na categoria “operário” obteve idêntica votação ao candidato da ARENA 1, Alvaro Perin, além do MDB ter sido bem cotado na categoria “especializado”, suplantando o candidato da ARENA 2 e só perdendo para a ARENA 1.

Ressalte-se que Alvaro Perin foi votado por todas as profissões, enquanto Fina do MDB em apenas cinco, não recebendo votação nas categorias Trabalhador Rural, Funcionário Público etc., Ferroviário, Comerciante, Estudante, Telefonista, Costureira, Cabeleireira, Veterinário e Viajante.

Opção em função da ocupação

CANDIDATO OCUPAÇÃO	PERIN	FINA	NEVOEIRO	BRANCO	TOTAL
	(ARENA 1)	(MDB)	(ARENA 2)		
Aposentado	14	3	1	3	21
Trabalh. Especial	7	3	1	1	12
Operário	2	2	1	1	6
Trabalhad. rural	2	—	—	—	2
Func. Público de Escritório, bancário, professor	7	—	7	5	19
Ferrovário	4	—	2	—	6
Serviços Domésticos	65	21	19	19	124
Comerciante	2	—	4	1	7
Estudante	1	—	—	1	2
Telefonista	1	—	—	—	1
Costureira	2	—	—	—	2
Cabelereira	1	—	1	—	2
Veterinário	1	—	—	—	1
Viajante	1	—	—	—	1
Outro	2	1	—	1	4
Desempregado	—	1	—	1	2
TOTAL	112	31	36	33	212

N = 212

TABELA 11

Um outro aspecto que chama atenção na Tabela 11 é que o candidato da ARENA 2 perdeu para o MDB nas categorias Aposentado, Trabalhador Especializado e Doméstica, ao mesmo tempo que Nevoeiro Junior obteve suas melhores votações nas categorias Comerciante e Funcionário Público etc., chegando a ganhar da ARENA 1 na categoria Comerciante e tendo a mesma votação na categoria "Funcionário Público etc."

Procurou-se neste trabalho verificar também a relação entre torcedor de futebol e opção eleitoral, em razão dos constantes apelos feitos. Assim, elaborou-se a Tabela 12.

Chega-se a conclusão, pela Tabela 12, que a torcida do Clube "Velo"

era bem maior, quase o dobro da rioclarista, notando-se inclusive que houve maior preferência de velistas para o candidato do MDB quando comparados com os rioclaristas. De qualquer maneira 50% do eleitorado rio-clarense não tinha preferência quanto ao clube e quase 50% tinha preferência por um ou outro clube, tornando-se assim muito importante a vinculação dos candidatos com um clube de futebol.

Tentando-se obter informações para poder aquilatar a visão que o eleitor tinha da administração municipal na época e sua opção eleitoral, elaborou-se a Tabela 13.

Pela Tabela 13 pode-se visualizar que o apoio do chefe do executivo nesta

Relação entre opção e clube de futebol

CLUBE DE FUTEBOL \ CANDIDATO	PERIN	FINA	NEVOEIRO	BRANCO	TOTAL
	(ARENA 1)	(MDB)	(ARENA 2)		
Rio Claro F. Clube	18	4	10	4	36
Velo Clube	27	15	9	8	59
Não tem preferência	63	11	17	20	111
Branco	4	1	—	1	6
TOTAL	112	31	36	33	212

N = 212

TABELA 12

Opção e conceito da administração local

ADMINIS-TRAÇÃO ATUAL é: \ CANDIDATO	PERIN	FINA	NEVOEIRO	BRANCO	TOTAL
	(ARENA 1)	(MDB)	(ARENA 2)		
Boa	57	11	19	13	100
Regular	30	14	10	6	60
Má	9	1	1	3	14
Ótima	3	1	—	3	7
Não tem opinião	13	4	6	8	31
TOTAL	112	31	36	33	212

N = 212

TABELA 13

Opção e pretensão de assistir a comícios

ASSISTIR COMÍCIOS \ CANDIDATO	PERIN	FINA	NEVOEIRO	BRANCO	TOTAL
	(ARENA 1)	(MDB)	(ARENA 2)		
Sim	48	15	17	6	86
Não	63	16	19	27	125
Branco	1	—	—	—	1
TOTAL	112	31	36	33	212

N = 212

TABELA 14

Opção em relação aos meios de comunicação

CANDIDATO MELHOR MANEIRA P/ ESCOLHER UM CANDIDATO.	PERIN	FINA	NEVOEIRO	BRANCO	TOTAL
	(ARENA 1)	(MDB)	(ARENA 2)		
Jornal	12	2	5	4	23
Rádio	6	2	2	3	13
TV	2	—	—	1	3
Comício	13	3	1	1	18
Visita Pessoal	23	7	9	2	41
Opinião dos pais	5	3	3	2	13
Opinião de amigos	19	5	8	3	35
Opinião do marido	5	2	1	3	11
Branco	19	6	5	10	40
Outras formas	8	1	2	4	15
TOTAL	112	31	36	33	212

N = 212

TABELA 15

campanha era uma variável importante, uma vez que se podia considerar que a Administração estava com boa cotação junto aos eleitores.

Para a questão "Você pretende assistir aos comícios que se realizarem no seu bairro?", obteve-se o resultado constante da Tabela 14.

Dos indivíduos pesquisados, 41% pretendiam assistir comícios e os restantes 59% não desejavam assistir, sendo que os mesmos indivíduos, ao responderem sobre a melhor maneira de escolher um candidato, declararam como se pode deduzir pela Tabela 15 que a melhor maneira para obtenção do voto em cidades com as características de Rio Claro (SP) é o contato direto, opinião dos amigos, meios de comunicação da cidade e comícios. É também significativo o fator opinião de pais e maridos.

4.5. Os Resultados Eleitorais

Computados os votos, obteve-se o seguinte resultado:

Pela leitura da Tabela 16 observa-se a vitória do candidato da ARENA 2, Dermeval da Fonseca Nevoeiro Junior sobre os demais, com uma diferença de apenas 701 votos do segundo colocado Alvaro Perin.

Já o Movimento Democrático Brasileiro, com o candidato impugnante, Mário Caritá, obteve somente 1.842 votos, sendo superado em número de votos pelos brancos, nulos e abstenções, considerados separadamente. Pode-se fazer uma inferência, sem se poder comprovar, pois não há documentos, mas tão somente depoimentos e observações diretas da apuração do pleito, de que dos

Resultados das eleições para Prefeito

Alvaro Perin	ARENA 1	15.740 votos
Demerval da Fonseca Nevoeiro Jr.	ARENA 2	16.441 votos
Mario Caritá	MDB	1.842 votos
Nulos		6.671 votos
Branços		2.388 votos
Abstenções		2.832 votos
Total		45.914 votos

N = 212

TABELA 16

6.671 votos nulos, grande parcela foi dada ao candidato Rui Fina do MDB.

Pelos resultados obtidos e comparando-os com a Tabela 5, observa-se que proporcionalmente o candidato da ARENA 1 decresceu em número de votos, enquanto que a ARENA 2 cresceu, decrescendo também o MDB.

De qualquer maneira, para se compreender esses resultados, é preciso comparar as campanhas, as mensagens e outras variáveis que foram igualmente significativas. Analisando os resultados do segundo levantamento de dados feito antes das eleições e comparando-os com o tipo de campanha desenvolvida pelo candidato da ARENA 2, verifica-se que o mesmo buscou o voto intensamente, de maneira peculiar às expectativas do eleitor, ocupando o espaço à procura dos indecisos ou apelando para as redefinições.

Assim, o candidato da ARENA 2 — que teve como objetivo inicial preencher uma exigência da Legislação Eleitoral possibilitando que a “ala Karan” pudesse participar de chapa de vereadores — acabou vencendo as eleições. Sua campanha foi incerta, haja visto as Tabelas 2 e 5, seja com relação ao candidato da ARENA 1 ou com relação ao MDB. Um aspecto importante a ser ressaltado é que quando o candidato da ARENA 2

aceitou sua indicação exigiu o apóio de Orestes Armando Giovanni, Prefeito da época, que além de possuir a “máquina administrativa” para ser acionada, era tido como “homem caridoso”, chegando alguns da oposição a chamá-lo de “Santo Oreste”, o homem que “elege prefeitos porque é sempre Vice”, etc. A verdade é que ele é de família tradicional da cidade e está ligado à prefeitura por vínculos empregatícios e políticos há mais de vinte anos. Seu setor de trabalho foi sempre o do atendimento na assistência social ou Pronto Socorro Municipal.

De qualquer maneira, Oreste A. Giovanni, em Rio Claro, é o grande “político de clientela”. Um entrevistado referindo-se a ele diz: “em cada quarteirão da cidade, tem no mínimo um indivíduo que o Oreste atendeu”...

Segundo Lamounier “... é necessário salientar desde o início as circunstâncias particulares nas quais se travam os pleitos municipais. Nestes, é compreensivelmente maior a presença de motivações locais, maior o peso das lealdades imediatas, e menor, segundo se supõe, o relevo dos alinhamentos propriamente ideológicos”. (8:2)

A campanha no seu todo mostrou que o candidato Alvaro Perin não poderia obter mais votos, pois já vinha de uma experiência anterior, partindo de uma situação até certo ponto “inelástica” o que, ao contrário, não ocorria com a ARENA 2, cuja tendência seria a de crescer, portanto bastante “elástica”, assim como o MDB. Iso quer significar que a ARENA 1 deveria trabalhar bastante para manter o eleitorado, enquanto aos outros candidatos caberia a tarefa de tentar mudar a preferência, porque eles não possuíam experiência como prefeito.

Desta maneira, pode-se resumir as razões dos resultados eleitorais da seguinte forma:

1. Campanha da ARENA 1, sem dizer coisas novas. Apelo constante a frases como Moral, Família, Deus, Tradição, etc. Campanha do tipo de quem já ganhou. Acabou tirando a motivação dos candidatos a vereadores de participarem ativamente dos comícios e da própria campanha, uma vez que não podiam falar. Foi uma campanha “estática” em todos os aspectos, comparada com a da ARENA 2 que foi dinâmica, do princípio ao fim, isto é, redefinindo-se constantemente em busca de motivações para o eleitor, numa linguagem modernizante, obtendo para cada realidade uma mensagem, atingindo inclusive a expectativa de vida dos indivíduos, numa mensagem de melhores condições de vida nos seus múltiplos aspectos. Partiu a ARENA 2 do princípio de que em “política os resultados se alteram” aliado ao pensamento de “os fins justificam os meios”,

tendo na retaguarda o apôio da “máquina administrativa”.

2. Os problemas enfrentados pela candidatura Rui Fina, pois conforme a Tabela 5, ele se apresentava quantitativamente próximo do candidato da ARENA 2, levando-se em consideração ainda a excepcional quantidade de votos indecisos. As brigas internas alijam Rui Fina, além da chapa de vereadores, tornando a ARENA 2, polo aglutinador dos indecisos e de muitos votos que seriam destinados a ele.

5. Conclusões

Pode-se dizer que a campanha da ARENA 2 foi mais rica que a campanha da ARENA 1, seja pela rapidez com que se adaptava a certas peculiaridades e chavões, seja pelos projetos propostos, criatividade ou pelo poder econômico que é inerente a este tipo de campanha. Nevoeiro Jr. passou a ser o candidato acessível, dinâmico, jovem, falando a linguagem de “interesse popular”, representando nova experiência, modernizante, enquanto o candidato da ARENA 1 passou a ser visto como o homem sério, moralista, energético, inacessível e do passado, pelo menos era essa imagem que a própria ARENA 2 procurou fazer do seu antagonista quando dizia: “É hora de vestir roupa nova”.

Assim, conclui-se que:

- a. a preferência do eleitorado variou no decorrer da campanha;
- b. existiram variáveis que interferiram nos resultados, não detectáveis a priori: impedimento dos candidatos do MDB; tipo de campanha com constantes rede-

finições da ARENA 2, em relação à falta de inovação da ARENA 1, além do apóio do Prefeito em exercício;

- c. o voto não foi pelo menos em Rio Claro, no ano de 1976, representativo de classe, mas obedeceu a um estilo clientelístico, cuja campanha se desenvolveu a níveis de apelos e contatos pessoais com frases como "indivíduo bem sucedido na vida"; "arrimo de família que cedo ainda saiu para o trabalho"; "meu

passado é limpo, sem nódoas"; "minha campanha é pobre, do tostão contra um milhão"; "Essas mulheres que são a pedra basilar de nossa campanha, foram de casa em casa ouvir o pulsar da família rio-clarense"; "As urnas vão responder ao apelo do povo e apelo do povo é apêlo de Deus"; "Como mãe, amo-o, como filho respeitoso, obediente, carinhoso, um verdadeiro filho"; "Sob o olhar de Nossa Senhora da Aparecida..."

PERSPECTIVAS/21

MARIN, Dinael. Local political scheme and electoral results: the 1976 election. *Perspectivas*, São Paulo, 3: 87-119, 1980.

ABSTRACT: The author presents a report on the political scheme at an electoral process time in Rio Claro, São Paulo State, Brazil. The study originated in 1976 and has continued up until now. The results reported now concern the stage preceding the convention up to the final results of the elections.

UNITERMS: Municipal electoral process; stages from the conventions to the election results.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. Aliança Renovadora Nacional. *Eleições municipais de 15 de novembro de 1976*. Manual de Orientação aos Diretórios Municipais. Brasília, D.F., 1976.
2. *Cidade de Rio Claro*. Rio Claro, S.P., 1976.
3. *Diário do Rio Claro*. Rio Claro, S.P., 1976.
4. IANNI, Octávio et alii. *Política e revolução social no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975. 198 p.
5. LAMOUNIER, Bolivar & CARDOSO, Fernando Henrique, ed. *Os Partidos e as eleições no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975. 262 p.
6. *Lei 6.339 de 1.º de Julho de 1976*. Nova regulamentação à propaganda política.
7. MOTTA, Paulo Roberto. *Movimentos partidários no Brasil*. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1971. 95 p.
8. REIS, Fábio Wanderley, org. *Os partidos e o regime: a lógica do processo eleitoral brasileiro*. São Paulo, 1976.
9. *Resolução 10.050 de 19.7.76*. Instruções sobre propaganda para eleições municipais.

Recebido para publicação em 14/05/80.